

‘Quem nasce em Bacurau é o que?’: signos de nordestinidade e a construção de memórias nordestinas no filme Bacurau¹

Vinícius da Silva COUTINHO²
Lana Krisna de Carvalho MORAIS³
Universidade Estadual do Piauí, Picos, Piauí

RESUMO

Ao longo dos anos, representações sobre a região nordeste foram construídas e sedimentadas no imaginário coletivo. A pobreza, a seca e violência são exemplos de signos que foram fixados historicamente na memória sobre o Nordeste, seja através da literatura, dos produtos audiovisuais ou, até mesmo, das narrativas jornalísticas, sendo difundidos historicamente e contribuindo para construção de estereótipos sobre a região. Silva (2016, p. 01) revela que “o imaginário pode ser percebido e abordado de diversas formas, a depender das escolhas dos produtores da película, já que se trata de uma obra coletiva [...] e, também, a partir do imaginário do público que recepiona aquela obra”. Portanto, esta pesquisa se justifica pela preocupação dos autores em entender como as produções cinematográficas têm contribuído, ao longo da história, para construir as imagens sobre a região Nordeste, que ficaram cristalizadas no imaginário simbólico nacional. Com base nisso, o filme Bacurau, que retrata o sertão nordestino, foi escolhido para objeto de estudo desta pesquisa. Dessa maneira, o objetivo geral é compreender a presença dos signos de nordestinidade e a construção de memórias sobre o Nordeste no filme Bacurau. Enquanto os objetivos específicos são: estudar o que a literatura diz sobre a construção de memórias a partir de filmes; analisar os impactos da narrativa, da ambientação e da caracterização sobre o Nordeste; elencar/mapear os signos de nordestinidade presentes no filme e na memória coletiva sobre o Nordeste e, por fim, verificar se houve a presença de estereótipos ligados ao Nordeste, que estão na memória coletiva. Os procedimentos metodológicos pautaram-se em pesquisa bibliográfica e pesquisa qualitativa; como técnica de análise utilizamos a

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Interfaces Comunicacionais do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 18 a 20 de maio de 2022.

² Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Jornalismo da UESPI-PICOS, e-mail: viniciuscoutinho@aluno.uespi.br

³ Professora efetiva da Universidade Estadual do Piauí UESPI-PICOS, Mestre em Educação pela UPE. e-mail: lanakrisna.lm@gmail.com

análise de vídeo, que foi orientada pela perspectiva de Carla Paiva com relação aos signos de nordestinidade e de Maurice Halbwachs sobre memória coletiva. Ao assistir a uma peça audiovisual, temos um conjunto de interesses envolvidos, tanto por parte de quem construiu aquele material e qual ponto de vista quer passar com ele, quanto pela satisfação buscada pelo espectador ao assisti-lo. Mas o fato é que o conteúdo assistido gera impactos sobre quem assiste e também sobre aquilo que está sendo retratado. Dessa maneira, representações sobre a realidade podem ser construídas ou reconstruídas com as abordagens, e é aí que se cria um imaginário simbólico e, também, permeiam-se os estereótipos, sendo cristalizados na memória. Nessas produções, como explica Galvão (2010, p. 02), “a escolha de cada elemento não se processa de forma ocasional e aleatória, mas são pensadas metodologicamente para conceber realidades e realçar seus feitos”. Ou seja, tudo que compõe a produção audiovisual é pensado e repensado com antecedência, em cada detalhe e em cada decisão do que usar ou não, e de como utilizar algo dentro da peça audiovisual, tem efeitos sobre o público. Nessa perspectiva, Nóbrega e Teixeira (2014, p. 01) revelam que “ainda vemos referências a representações construídas em tempos remotos, como a imagem de atraso e tradição, de apego à natureza e de estagnação econômica e intelectual da região”. A ideia inicial construída sobre este Nordeste acabou sendo disseminada e passada geração em geração e, ainda hoje, sendo retratada nas produções audiovisuais (sejam filmes, novelas e séries). Para autores como Almeida (2007) e Silveira (2017), a construção do Nordeste é como uma invenção e, ao longo do tempo, pequenos fragmentos de ‘história’ foram se unindo e formando a ideia do que seria esta região, pois como explica Silveira (2017, p. 67), “para que o nordeste se constituísse numa unidade imagética e discursiva, foi necessário que antes inúmeras práticas e discursos “nordestinizantes” surgissem de maneira dispersa, para serem reunidos num momento subsequente”. Esses discursos que são responsáveis pela ‘invenção’ do nordeste são reflexos das relações sociais e, muitos deles, são construídos de forma intencional para atingir interesses. Com essas discussões, podemos notar que a estereotipação do Nordeste a partir das mídias têm grandes efeitos sobre a sociedade e pode levar mais algum tempo para que esses pensamentos sejam dissociados do imaginário coletivo, promovendo a ideia de sertão como lugar inóspito, improdutivo, violento e atrasado. Para Halbwachs (1990), nossas lembranças são sempre coletivas e nos são lembradas pelos outros, mesmo que trate de

acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos e com objetos que só nós vimos. Ao explicar as relações entre a memória individual, que é quando acreditamos que testemunhamos, vivenciamos ou lembramos de algum acontecimento ‘sozinhos’, e a memória coletiva, que é composta pelos momentos que vivenciamos algo compartilhado em conjunto, Halbwachs acredita que esses dois tipos são indissociáveis e que o individual sempre se apoia em algo do coletivo. Seguindo essa linha de pensamento, entendemos também que ao assistir a um filme, aquele indivíduo passa a ter sua memória e suas lembranças ligadas àquela produção, que é coletiva, e ajuda a construir sobre aquele indivíduo uma simbologia sobre o assunto abordado. Por isso, nessa relação entre a produção audiovisual e o consumidor temos a composição de memórias coletivas, a partir das narrativas. E essa memória só vai mudando quando os tipos de produções e das abordagens mudam, como também o entendimento, a percepção e o senso crítico de quem assiste. Na perspectiva de Carla Paiva, os signos de nordestinidade são características específicas encontradas nas narrativas fílmicas que buscam representar o Nordeste. Paiva (2006, p. 17) explica que a nordestinidade pode ser entendida como a resultante de diversas identidades sociais nordestinas, ou seja, considerando a diversidade espacial e territorial do Nordeste brasileiro é uma imprudência selecionar e esquematizar uma única interpretação sobre sua identidade. Em seus estudos, Paiva (2006) observou, por exemplo, que a figura do vaqueiro, com seus trajes específicos, sua força e interação com a natureza, convoca a presença da imagem do herói sertanejo. A partir das análises, a pesquisadora identificou a presença dos signos: violência fria, coragem, busca pela felicidade, traços do cangaço (...) que quase sempre embasam as narrativas feitas sobre a região. Ao analisar Bacurau, observamos tais signos: Religiosidade (velório, mortes e caixões); Violência (cangaço e a busca por justiça social com as próprias mãos, a revolta armada dos moradores da comunidade contra os “jogos mortais”); A força da mulher nordestina (notável principalmente na personagem Domingas, uma profissional de saúde lésbica que atua como liderança); Comunicação popular/comunitária (utilização de carro de som e outras técnicas); Coronelismo (assistencialismo e desassistência); Seca (abordagem de forma crítica e ressignificada). Ademais, observamos ainda que o personagem ‘justiceiro Lunga’ apresenta uma estética que não traz o herói másculo, não é apenas uma relação com a força, que de certo modo é subversivo (inclusive aos outros/novos heróis), pois é

notável uma transsexualização na identificação do personagem. Notamos ainda uma ressignificação do pertencimento, a comunidade de Bacurau defende o seu lugar e criam coletivamente um meio de defesa. O filme problematiza a questão do atraso tecnológico vinculado à memória da região e critica o neocolonialismo, buscando romper com a supervalorização do que ‘vem de fora’. É notável ainda, a preocupação do filme em questionar: ‘Quanto vale a vida do sertanejo?’ ‘Quem nasce em Bacurau é o que?’ O filme gira em torno da vida e da morte. A vida dos moradores é vendida por quem os governa. Historicamente, a população sertaneja é desassistida de políticas públicas e precisam sobreviver às características do território. Pelo imaginário construído, não existe um gentílico específico para o sertanejo, mas é como se tivesse um valor inferior. Por isso, o filme se volta para questionar esses pensamentos e traz em uma das cenas a resposta: “é gente”, sobre quem nasce em Bacurau. Assim, entendemos que o filme interfere diretamente na memória coletiva sobre o Nordeste e, pela linha de pensamento de Halbwachs, acaba por trazer uma nova experiência para as memórias individuais de quem o assiste e isso é justamente observável pela ressignificação dos signos de nordestinidade observados por Carla Paiva, que trazem novas perspectivas sobre a região. Diante desta pesquisa, consideramos que a presença de estereótipos negativos sobre o Nordeste no audiovisual ainda se mantém forte, mas como vimos em Bacurau, as narrativas sobre essa região vêm mudando, principalmente, quando tratamos de produções feitas a partir do próprio olhar dos nordestinos. Buscando mostrar até mesmo alguns elementos característicos de narrativas passadas, mas com um alto nível de criticidade, fazendo com que o público se questione sobre tais acontecimentos da região. Essas mudanças puderam também ser observadas, a partir de Bacurau, nos próprios signos de nordestinidade, que foram ressignificados e atualizados e, também, com a criação de novos signos (como a utilização de ervas medicinais) nestes contradiscursos. Assim, consideramos a grande importância que esses novos olhares têm para que haja uma criação de um novo imaginário simbólico sobre a região, deixando para trás velhos preconceitos sobre o Nordeste. Bacurau traz diversas problematizações sociais e históricas sobre o Nordeste, sem se render às estereotipações presentes no cinema. O filme elabora críticas sobre temas e situações do passado que foram cristalizados na memória da região e não mais condizem com a realidade. Dessa

maneira, pudemos verificar uma grande contribuição para modificar a memória coletiva e suas representações sobre a região.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Nordeste; Memória Coletiva; Estereótipos; Imaginário Simbólico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosiléia Oliveira de. A Construção do Nordeste como região do atraso nos discursos sobre a exploração econômica da cana-de-açúcar. **Candombá** – Revista Virtual, v. 3, n. 2, p. 123–137, jul – dez, 2007. Disponível em: <http://web.unijorge.edu.br/sites/candomba/pdf/artigos/2007/a1.pdf>, acesso às 21:04, em 08/02/2022.

GALVÃO, Rilmara Alencar. Representação da Masculinidade Nordestina no Cinema Brasileiro: uma Análise dos Signos Identitários. **Recensio - Revista de Recensões de Comunicação e Cultura**. 2010. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/galvao-rilmara-representacao-da-masculinidade-nordestina.pdf>, Acesso às 11:29, em 09/02/2022.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

NÓBREGA, Igor; TEIXEIRA, Cristina. O Nordeste no Cinema Brasileiro: Perpetuação de Estereótipos no Filme “Gonzaga, de Pai pra Filho”. In: XVI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE – João Pessoa - PB. **Anais [...]**, 2014. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0722-2.pdf>, acesso às 13:52, em 16/02/2022.

PAIVA, Carla Conceição Silva da. **A virtude como um signo primordial da nordestinidade: análise das representações da identidade social nordestina nos filmes O Pagador De Promessas (1962) e Sargento Getúlio (1983)**. Dissertação de Mestrado (UNEB), 2006. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2019/10/Milli-Disserta%C3%A7%C3%A3o-convertido-mesclado.pdf>, acesso às 14:53, em 16/02/2022.

SILVA, Andréia de Lima. Cinema, Imaginário e Identidade: análise dos filmes O Exercício do Caos (2013) e Muleque té doido! (2014). In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. São Paulo - SP. **Anais [...]**, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0769-1.pdf>, acesso às 20:28, em 08/02/2022.

SILVEIRA, Roberto Azoubel da Mota. **A reinvenção do Nordeste nas crônicas d' O Carapuiceiro**. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10192/10192_4.PDF, acesso às 08:23, em 13/02/2022.